

# Cultura Greco-Romana Nos Cantares do Povo Nordestino

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

32

No ano de 1982 o Brasil foi contagiado por uma música que agradava logo na primeira audição. Chamava atenção não somente o excelente arranjo musical de melodia recordativa, mas principalmente o texto cantado que evocava figuras correntes na História da Antiguidade, dando perspectivas a rememoração de um fato históricossocial importante; é que na quarta estrofe e última, discorria sobre Virgulino Ferreira, *Lampião*, herói popular, bandido nordestino.

Estamos nos referindo a "*Mulher nova, bonita e carinhosa / Faz o homem gemer sem sentir dor*", que em sua primeira estrofa rezava:

"Numa luta de gregos e troianos  
Por Helena, a mulher de Menelau  
Conta a história que um cavalo de pau  
Terminava uma guerra de dez anos;  
Menelau, o maior dos espartanos  
Venceu Páris, o grande sedutor  
Humilhando a família de Heitor  
Em defesa da honra caprichosa  
MULHER NOVA, BONITA E CARINHOSA  
FAZ O HOMEM GEMER SEM SENTIR  
DOR"

Referida composição foi o tema de abertura do seriado de extremo sucesso da Rede Globo de Televisão, de título *LAMPIÃO*. Foi assinada pelo violeiro paraibano Otacílio Batista Patriota e pelo compositor também paraibano Zé Ramalho.

A música não apenas apareceu no seriado, também foi gravada no LP "Amelinha, Mulher Nova Bonita e Carinhosa..." Discos CBS-LP 138243, XSB 2591, 1982, lado A Faixa 1. Também gravado em compacto simples, Discos CBS BSO 17742, n° 430, 1982, lado A.

Acontece que a parceria Otacílio/Zé Ramalho não foi feita como idealizamos uma parceria: dois conhecidos ou amigos juntos para compor um tema poético-musical. Ramalho descobriu na *Antologia Ilustrada dos Cantadores*, de Francisco Linhares e Otacílio Batista (1° ed. 1976) composição poética que se enquadrava no seriado da Globo, adaptou-o e compôs a música "Mulher nova...". Na mesma *Antologia* (2° ed., 1982, às páginas 447-449), encontra-se o Mote que foi glosado por Otacílio quando fora a São Paulo, há muitos anos atrás. Aliás, a glosa não é composta por apenas quatro estrofes como está gravada, mas por cinco estrofes; Ramalho excluiu a última. A parceria foi problemática, deu o que falar e Otacílio não gostou e reclamou.

O texto de Batista na medida em que dá apreço as figuras da História da Antiguidade, nos faz lembrar que isso sempre foi praxe entre cantadores de viola e folhetins de cordel nordestino.

Verificando a presença de figuras mitológicas e aspectos culturais variados da antiguidade clássica principalmente em folhetos de cordel, compostos por poetas pouco alfabetizados, estudiosos imaginativos começaram a tentar explicar a influência, tomando como base teórica os postulados da escola antropológica difusionista ou Histórico Cultural; são em boa parte teses eruditas, que de forma ideológica quase sempre se distanciam do povo sem querer ouvi-lo. Quando outros estudiosos procuram escutar de perto as razões dos criadores, quase que levam um tremendo susto ou grande lição. Verifiquemos alguns casos, à guisa de exemplificação.

## O REVERSO E O VERSO

Observando e admirando, com a capacidade imaginativa de quem vê coisa sui gêneris, estudiosos faziam elocubrações a respeito dos belos cocares dos integrantes da *Tribo de Índios*, folguedo carnavalesco de João Pessoa (PB.); folcloristas paraibanos começaram a fazer identificações ou estabelecer um elo de ligação possível entre os cocares desses grupos e o de antigas tribos indígenas dos Estados Unidos. Conjeturas, identificações, correlações, sinônimas, finalmente entrevistas aos membros dos grupos.

Simeão Leal, folclorista da Paraíba, ao indagar a certo mestre do folguedo sobre a origem da feitura daquele enfeite, recebeu a seguinte e desconcertante resposta: nós imitamos o chapéu do índio que vinha desenhado na lata de *Biscoito Aimoré!!!*

Em outra situação, estudiosos estavam preocupados com a ligação existente entre a cultura grega e o Nordeste brasileiro. Tentando dissipar as dúvidas, folcloristas alagoanos perguntaram a um mestre de Reisado de Viçosa (AL.) sobre de onde teria vindo a inspiração para os desenhos das gregas bordadas nas barras das saias das dançadoras. Pronta e lividamente o mestre respondeu:

"Eu vi esse risco no livro de escola de minha Filha, achei bonito e mandei botar aí..."

Tânia Quaresma quando estava nas feiras entrevistando grupos de folheteiros de cordel nordestino para estabelecer o possível roteiro de seu filme *Nordeste: Cordel, repente e canção*, perguntou ao folheteiro o porque do nome folhetos de cordel; prontamente o vendedor afirmou:

"Foi um jornalista estrangeiro que esteve aqui, olhou os folhetos, virou, mexeu, pegou uma caderneta e botou o nome Literatura de cordel e assim mesmo ficou conhecido por todos".

Outro questionamento *filosófico* girava em torno da origem de certos grupos folclóricos. Como fora criado? Com que finalidade? Quem idealizou certos e determinados passos, etc., etc.

Como que intrigado e desconcertado, um dos mestres respondeu:

"Nós fazemos isso para brincar, para distrair; vocês que são estudiosos, homens de ciência, é que têm o dever de saber de onde

veio e como começou isso. Nós gostamos mesmo é de brincar..."

## OS ESTUDIOSOS QUE EXPLIQUEM...

O aparente eruditismo de certos estudiosos, o pseudo conhecimento científico de certos tradadistas tentando o auto engrandecimento, nos faz pensar na seriedade do tratamento da coisa popular; mas não apenas causa espécie a nós, já o folclorista americano Ralph Steele Boggs, no Congresso Internacional de Folclore, em São Paulo, 1954, apontou, com pseudos nomes científicos, seis males que designam esse estágio, são eles: Terminilogite, educaciocracia, metodosite, primitivofobia, textualucinação e classifimania; conforme está citado por Vicente Salles.

Mas, voltando ao assunto da Cultura Greco-Romana nos cantares do povo nordestino, como é que isto aconteceu? Qual a ponte de ligação Grécia-Roma-Nordeste Brasileiro? Seria através de pesquisa dos poetas populares em tratados eruditos? Sim? E como isso poderia ter sido feito, se os poetas populares e violeiros eram, ou alguns ainda são semi-alfabetos?

Como é, por exemplo, que o mestre Valdir Soares, das Cambindas de Porto Calvo (AL.) pode conceber esta cançoneta:

"Eu vou falar  
Na língua grega  
Grê-a-grá  
Grê-a-galega Galega-  
glê a glá.  
Eu vou falar  
Na loteria  
Eu não sabia  
Que meu time  
Ta ganhar."

Deixemos que os próprios poetas respondam a questão, que é a problemática das fontes inspiradoras; mas, antes disto observemos o caráter de demonstração de eruditismo dos poetas populares, prova inequívoca do que se pode classificar como eruditismo de almanaque, mas dito em tom de porfia, e desafio, arrogante, para deixar o adversário sem saídas:

"Quando eu nasci / Trouxe o dom da poesia /  
Mulher prá rimar comigo / Precisa seber filosofia  
/ Discriminar a ciência / Gramática e Geografia".

CRISTÓVÃO, José Severino. *Peleja de José Severino Cristóvão com Maria do Carmo*. Caruaru, e.ed., s.d., 8p.

"Melquíades eu te quero ver / Na física e geografia / O senhor cantar as águas / Demonstrando teoria / As águas em movimento / Que faz o mar noite e dia?./

FERNANDES, João Melquíades. *Peleja de Joaquim Jaqueira com Melquíades*. Juazeiro, e.ed., 1979, 16 p.

Evidentemente nessas pelejas os contendores se esforçam para desempenhar bom papel com a finalidade de serem aplaudidos e conquistar fama e dinheiro, mas é igualmente verdade que as tais pelejas publicadas em folhetos não representam *verdade verdadeira* e sim recriação de um dos desafiantes, devido a ser impossível a qualquer pessoa reconstituir passo a passo o que foi improvisado em uma noite, salvo com o auxílio de gravadores, e gravador é coisa nova e nem sempre usados por cantadores para registrar seus momentos poéticos. Ideologicamente, o autor da peleja de folheto tem a tendência de demonstrar o bom papel de um dos cantadores, no caso ele próprio, e depreciar o adversário que passa a ser xingado.

Mas voltamos a inquirir: quais são mesmo as fontes inspiradoras que serviram para a base das composições poéticas exploradoras da cultura greco-romana?

34

Discorrendo sobre a temática em geral explorada pelos poetas populares, José Alves Sobrinho afirma:

"O poeta popular / Escreve o que tem vontade / Quando tem inspiração / Engenho e mentalidade. / Exalta, acusa e defende / Compara a capacidade".

ALVES SOBRINHO, José. *Vida, obra, glória e morte do Dr. Osvaldo Cruz*. Campina Grande, s.ed., s.d., 40 p.

A respeito das fontes, falam cinco poetas:

"Você sabe repente / Porém de história clássica / Galdino, estás muito ausente."/

BANDEIRA, Lourival. *Peleja de Lourival Bandeira com M. Galdino Bandeira*, s.i., 16 p.

"Quando eu era criança / Sempre ouvia a velharada / Contar histórias de reinos / De príncipes ou palhaçada; / Agora eu descrevo uma / Da que achei engraçada."

PEQUENO, José. *O casamento de Paulino e a mulher de seu qualquer*. S.i., 8 p.

"Eu li o romance em prosa / E versei como se passou!/"

SANTOS, Manoel José dos. *As três perguntas de um louco e as repostas de um doido*. S.i., 8 p.

"Eu vou contar uma / Que li numa revista agora!/"

CAMELO, José *Uma das maiores proezas que Antonio Silvino fez no sertão pernambucano*. s.i., 24 p.

"Em diversas reportagens / De revistas e jornais / Com testemunhas idôneas / Contando fatos reais / Coligimos neste livro / Casos sensacionais".

DALMEIDA FILHO, Manoel *Os cabras de Lampião*. São Paulo, Luzeiro Editora, 1966, 48 p.

A informação oral através das narrativas dos contos populares tradicionais, dos causos, das histórias, das estórias, as leituras em livros de caráter popular como certos livros que condensam romances clássicos importantes, como aqueles que a Casa Barateira, Livraria Antunes, Livraria Quaresma, por exemplo, distribuía no Rio de Janeiro. Livros didáticos mais simples e mais, jornais, revistas e o ato de assistir filmes, tudo constituía base e fonte de inspiração para a versificação dos folhetos.

Um dado novo aparece na poesia do folheto "Canonização do Padre Cícero", de José Pedro Pontual, contido no LP *Nordeste; Cordel, Repente e Canção*.

"Depois e ler nos jornais / E ver na televisão / Resolvi fazer um verso / Sobre a canonização (...)/ Do Padre Cícero Romão".

#### UMA ESTRANHA AUSÊNCIA

Há quase duas décadas observamos com muito entusiasmo e simpatia o uso, a presença de figuras da mitologia greco-romana -mais romana que grega, convém assinalar -nas cantorias de viola e nos folhetos de cordel.

Ao tempo em que observávamos essa presença tão marcante, estranhávamos que nenhum trabalho fosse publicado acusando, registrando, analisando o fato. Uma luz surgiu em dois livros: *O mito na literatura de cordel*, de Luiz Tavares Júnior e *Mito e poesia popular* de Leda Tâmega Ribeiro, mas qual foi a nossa surpresa ao constatar que os estudos nem de raspão tocavam no tema das tais figuras mitológicas. Cansado de esperar, resolvemos empreender tal

tarefa de, pelo menos realizar um levantamento por amostragem, como nota prévia.

#### QUADRO DEMONSTRATIVO DA PESQUISA

Para a investigação foram escolhidos dentre 1436 folhetos de nossa coleção particular, 120 folhetos, por entendermos serem eles os mais representativos em termos da representação dos mitos e fatos culturais greco-romanos.

Os 120 folhetos escolhidos foram escritos por 48 poetas, destacando-se pela quantidade de trabalhos, Rodolfo Coelho Cavalcante que versou 16 folhetos; José Cavalcante e Ferreira Dila, 8; Severino Borges, 6; os demais versaram quantidades não significativas.

No universo pesquisado houve preferência pelas figuras de Apolo, citado 17 vezes; Vênus, 20 vezes; Cupido, 14 vezes; Diana, 12 vezes; Marte, 8 vezes; Mercúrio, Musas, Saturno, citados em seis folhetos. As demais figuras mitológicas tiveram pouca citação, como se pode observar no quadro anexo.

#### FIGURAS MÍTICAS, POR NÚMERO DE CITAÇÃO

Apolo 27 vezes, Vênus 20, Cupido, 14, Diana 12, Marte 8, Mercúrio 6, Musas 6, Saturno 6, Júpiter 5, Netuno 5, Minerva 4, Ninfas 3, Hércules 3, Morfeu 3, Juno 3, Plutão 3, Vulcano 3, Pan 3, Eolo 3, Urano 3, Cabra Almatéia 3, Esculápio 2, Hidra de Lerna 2, Parnaso 2, Baco 2, Ceres 2, Fauno 2, Flora 2, Temis 2, Sereias 2, Rea 2.

Apenas citados uma única vez:

Adónis, Afrodite, Aquiles, Astéa, Aurora, Beloma, Cabra Almatéa, Calíope, Capricórnio, Caronte, Castor, Centauro, Cibele, Dédalo e Ícaro, Eridano, Fortuna, Ganimedes, Glauco, Horas(As), Latona, Leda, Maia, Medusa, Minotauro, Momo, Monte Helicon, Orion, Pluto, Polux, Priapo, Rea, Sereias, Sivano, Talia, Titan, Troz, Vertuno, Vesta.

#### OUTROS ASPECTOS DA CULTURA

Em termos de cultura greco-romana não somente as figuras mitológicas constituíram preocupação dos poetas, outros temas também receberam apreço e foram decantados; assim, os acidentes geográficos, as guerras, os governantes, os filósofos e literatos constituíram a temática para suas obras, como podemos observar a seguir:

Se conheceram na Itália / Quando Flora visitava / A velha terra dos Césares.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho, *Dr. Hugo Pedro Carradore um folclorista de São Paulo*. S.i., 8 p, s.p.n.

Em 17 a 55 / Antes de Cristo chegar / Nas márgens do rio Tibre / Isso eu posso provar / Rômulo alí fundou Roma / Há 15 milhas do mar.

MILANEZ, Severino, *Peleja de Severino Pinto com Severino Milanez*. Juazeiro, 1966, 16 p., s.ed.

Parecia a deusa Vênus / Olhar atraente e lindo / Lábios de cor purpúrina / Vivia sempre sorrindo / Como se fosse uma deusa / No cume do Monte Pindo.

LIMA, Luis de. *As bravuras de Antonio Silvino em honra de um velho amigo*. S.i. 16 p.

Todo homen lhe temia / Pois ele era desumano / Seu engenho era assombroso / Como o Coliseu romano /.

SENA, Joaquim Batista de. *História das bravuras de Chico Valente e as proezas do velho Manoel Capador*. Parnaíba(PI), 1973, 16 p.

#### AS GUERRAS

As batalhas tão apreciadas pelos poetas épicos de todos os tempos, encontramem Ivanildo Vila Nova, seu representante e cantor

Nos seus terríveis empregos / Destas matanças perversas / Nas três guerras que os gregos / Enfrentaram com os persas / De Atenas a Egina, Maratona e Salamina / Termópilas, heroicamente / Sendo a campanha encerrada / Na penosa retirada / Dos dez mil de Xenofonte.

Logo Atenas e Esparta / Se confirmaram inimigos / Desrespeitando uma carta / Que unia duas ligas / Os espartanos mais bravos / Tomaram os outros escravos / Até que os heróis tebanos / Pelópidas com os vassalos / Conseguiram retirar-los / Do fogo dos espartanos.

VILA NOVA, Ivanildo. *História das guerras*. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1981, 9p.

Na temática acerca dos governantes desta-casse a ojeriza contra a figura de Nero, tido por péssimo governante, criminoso e destruidor

Tinha o coração de Nero / E o bofe de Caim

ATHAYDE, Heitor Martins de. *História do Barba Azul*. Juazeiro, 1974, 16 p.

Lampião nunca sorriu(...) / Foi o Nero brasileiro(...)

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Lampião, o terror do Nordeste*. Salvador, 1983, 8 p.

Trataram ainda da mesma figura:

PONTUAL, José Pedro. *Um tolo e dois sabidos*. Recife, s.i., 8 p.

ANÔNIMO. *O encontro de dois errados*. 16 p. s.i.

MELO, José Camelo de. *O pavão misterioso*. São Paulo, Luzeiro Editora, 1976, 31 p.

BATISTA, Abraão. *Endemoniado castrou um menino de 11 anos em Juazeiro do Norte*. Recife, 1975, 8 p.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Tudo na terra tem fim*. 8 p., s.i.

Quase a mesma ojeriza expressada pela figura de Nero, é aposta a Pôncio Pilatos, dele falam mau três poetas:

Então o governador romano / Era o tal de Pôncio Pilatos / Perguntou por Jesus / Dando grandes maltratos.

LIMA, João de. *A paixão de Cristo*. Maceió, Museu Théo Brandão, 1977, 14 p.

Os dois outros poetas são:

MOSSORÓ, António Macena do. *Monstros Césares romanos matavam e eram tiranos*. Recife, s.d., 12 p.

PEREIRA, Manoel Apolinário, s.i., 32 p.

Outros governantes também desfilam:

Fui amante de Agripina / Fui noivo de Messalina / De Cleópatra gostei / Calígula, meu amigo / Cláudio, brigando comigo / Quase não era mais rei!

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Reminiscências*. Folja solta, s.d.

O Samuel Belibeth / Foi um soldado guerreiro / A Otaviano Augusto / Foi quem serviu primeiro / Depois serviu a Tibério / No trigésimo janeiro /

PEREIRA, Manoel Apolinário. *A vida do Judeu Errante*, s.i., 32 p.

SILVA, João José. *Sabu e o lobo encantado*, s.i., 16 p.

ATHAYDE, João Martins de. *Historia da Princesa Elisa*. Juazeiro, 1974, 32 p.

MANSO, Cordeiro. *Casamento e mortalha no céu se talha*. Juazeiro, 1978, 32 p.

BORGES, Severino. *Vida e milagres do guerreiro São Jorge*, s.i., 40 p.

O respeito e a admiração pelos filósofos da antiguidade é expressado através de seis folhetos, escritos por três poetas, sendo Rodolfo Coelho Cavalcante o autor que mais admirou essas figuras imortais. Alguns dos folhetos de Rodolfo assim rezam:

Como Sócrates criava / Anaxágoras e Platão / Com Pitágoras falava /.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O menino de dois meses que está falando em Pernambuco*. Salvador, 1973, s.ed. 8 p.

Sócrates bebeu cicuta, / Jesus Cristo até morreu /

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Frei Damião, o missionário do Nordeste*. Salvador, s.ed. 8 p. 1976

Dois outros de seus folhetos que tratam da temática são:

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Os cabeludos de ontem e os cabeludos de hoje*. Salvador, s.ed. 8 p.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *E a terra brilhará outra vez. A vinda do cometa Kohoutek*. Salvador, s.ed. 1973.

Severino Borges e Pedro Bandeira são os dois outros poetas que tiveram a preocupação com a figura dos filósofos, e assim se expressaram:

Para mim só há um Deus / Isso nos disse Platão.

BORGES, Severino. *Vida e milagre do guerreiro São Jorge*, s.i., 40 p.

Deus está nas ideias de Platão / Aristóteles, Confúncio, Cícero, Dante / Gutenberg, Perés, Leonardo, Beethoven e Salomão /.

BANDEIRA, Pedro. *A Existência de Deus*. s.i., 4p.

Literatos grecoromanos também não ficaram fora do contexto dos folhetos; Rodolfo Coelho Cavalcante, poeta alagoano que residiu durante quase toda a vida em Salvador, foi o autor que teve a preocupação em retrata-los. Em sua obra, Cavalcante assim se expressa em tres folhetos:

Catulo foi um David / Um Homero na poesia / (...)

Catulo nasceu brilhando / Na Atenas brasileira (...)

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Catulo, o rei dos Trovadores*. Folha solta, Salvador, janeiro 1975.

Traduziu Ode de Horário / E escrevia prefácio / Para as moças da Bahia.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vida do poeta Castro Alves*. Salvador, 1976, s.ed. 8 p.

Sobre Virgílio / E Castelar / Génio sem par / Bem conservava.

Perdeu Platão / Na inteligência / Foi Ruy Barbosa / Um mestre, um guia (...)

Nem Aristóteles / Nem mesmo Sócrates / E nem Demóstenes / Na Oração / Tiveram a glória / Do grande génio (...)

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vida de Ruy Barbosa*, s.e. 8 p.

#### EM BUSCA DE CONCLUSÃO

Tentando resolver o questionamento inicial proposto: Qual foi a determinante para o surgimento de figuras mitológicas da cultura greco-romana nos folhetos de cordel nordestino, pode ser respondido nestes termos:

Dada a veracidade de Portugal como país colonizador do Brasil e sabido que esse país foi colonizado outrora pelo Império Romano, nesse estágio colonial os romanos impuseram a si sua cultura, já de si mesclada á cultura grega.

Uma vez conquistando o Brasil os lusitanos impuseram sua cultura, que no Nordeste foi tão, estratégica e ideologicamente bem situada. A literatura de cordel foi uma das formas de transplantação cultural portuguesa adaptada ao caráter do homem nordestino convindo relembrar

a implantação e importação de livros popularizados em prosa e em versos, inclusive de autores clássicos e renomados, impressos verbi gratia pela Livraria Antunes, Casa a Barateira, etc., some-se a isso a informação oral através das estórias maravilhosas, ditas estórias de Trancoso ou Contos da Carochinha.

O caminho Grécia-Roma-Portugal-Nordeste do Brasil é desta forma facilmente perceptível.

Estranhamos que embora uma quantidade bastante significativa de folhetos veiculem ou tomem por temática básica as figuras mitológicas, não se tenha levado em conta em termos de pesquisas, análises, estudos. Resgatar é preciso!

#### FONTES CONSULTADAS

LINHARES, Francisco e Otacílio BATISTA. *Antologia ilustrada dos cantadores*. Fortaleza, Edições Universitárias, Univ. Fed. do Ceará, 1982.

LP NORDESTE: *Cordel, Repente e Canção*. Rio de Janeiro, Tapeçar Gravações SA. LP-TC 50,SCDP-R J 005 DPF, s.d.

RIBEIRO, Leda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro, Funarte / Instituto Nacional do Folclore, 1986.

TAVARES JUNIOR, Luiz. *O mito na literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1980.

JOSÉ Ma. TENÓRIO ROCHA. Brasileiro. Presidente de la Comisión Alagoana de Folklore. Profesor de la disciplina Folklore en la Universidad Federal de Alagoas, Brasil.